

Editorial: *Dossiê Nietzsche*

O presente número da *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, vinculada ao Departamento de Filosofia da UnB, abre espaço especial para apresentação de importantes artigos científicos sobre o pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Gestado e concebido a partir de proveitoso diálogo com os editores da RFMC, esse *Dossiê* torna público resultados de pesquisa realizados tanto por professores brasileiros quanto estrangeiros. Em sua maior parte, esses artigos são frutos de um convite realizado ainda em 2015, por ocasião do V Colóquio Nietzsche da UnB, coordenador também por professores do Departamento de Filosofia. Em 2015, o tema sugerido muito contribuiu para interlocuções não apenas entre pesquisadores da filosofia nietzscheana, mas também entre estudiosos da pesquisa-Schopenhauer. Ao conceber o Colóquio Nietzsche em 2015 a partir da recepção e diálogo entre as filosofias de Nietzsche e Schopenhauer, os organizadores logo se dirigiram a *RFMC* para propor um projeto de publicação de alguns artigos lá debatidos, projeto este que foi muito bem acolhido pelos seus editores.

Por um lado, os “Colóquios Nietzsche da UnB” têm visado a aprofundar e ampliar a malha de pesquisa sobre esse importante filósofo alemão, apresentando pesquisas atuais e reconhecidas entre os pares para o público acadêmico da UnB. Com essa edição especial, acredita-se que o Colóquio terá destaque não apenas pelo prestígio que a *RFMC* assumiu no cenário acadêmico brasileiro, mas, principalmente, porque torna concreto, ou melhor, “palpável” para os estudantes de graduação e pós-graduação também de outras universidades aquilo que está sendo produzido de mais relevante na pesquisa nacional e internacional sobre Nietzsche.

Contamos, nesse número especial, com a publicação de dois artigos de professores portugueses, da Universidade Nova de Lisboa. A professora Maria João Branco apresenta em seu artigo relevante posicionamento sobre a querela Schopenhauer-Nietzsche em torno do estatuto axiológico da música na reflexão de ambos os filósofos sobre estética, tema com o qual trabalha desde seu doutoramento. O professor João Constâncio, atual diretor de renomado centro de pesquisa sobre o pensamento de Nietzsche, com sede em Lisboa – o *Nietzsche-Lab* – apresenta instigante contraponto entre as concepções de pessimismo em Schopenhauer e Nietzsche. Também consta desse número publicação do professor Antonio Edmilson Paschoal, da Universidade Federal do Paraná, que apresentou relevante parte de sua pesquisa sobre o tema do ressentimento, conceito com o qual já trabalha desde longa data, tendo se tornado – pode-se afirmar com toda certeza – uma referência nacional para os intérpretes de Nietzsche. O convite se estendeu também à profa. Priscila Rossinetti

Rufinoni, colega do Departamento de Filosofia da UnB, que muito gentilmente cedeu seu texto, um estudo inovador sobre as interfaces da estética nietzscheana e o movimento expressionista, texto este que ainda será objeto de discussão no VI Colóquio Nietzsche, a ser realizado ainda em 2016.

É com grande estima que, portanto, os organizadores do Colóquio recebem essa oportunidade de parceria com a *RFMC*, o que, com toda certeza, muito contribui para a divulgação, entre estudantes de graduação e pós-graduação, da pesquisa Nietzsche realizada nacional e internacionalmente.

André Luis Muniz Garcia
Departamento de Filosofia – UnB

Editorial

Este sétimo número da *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea* dá continuidade à parceria entre colaboradores e editores, ao divulgar os trabalhos resultantes dos encontros Nietzsche, sob organização de André Luís Muniz Garcia, conforme explicitado acima. Segue a continuidade do projeto, ainda, tanto a inserção da revista em plataformas indexadoras internacionais, como a publicação de autores brasileiros e estrangeiros, em várias línguas modernas, entre elas espanhol, inglês, francês, alemão e italiano. A vontade de se tornar um canal de comunicação nacional/internacional responde à própria característica de ser a *Revista* uma interface entre as especificidades da carpintaria do fazer filosófico e uma possível produção conceitual inovadora. Assim, a artesanaria da história e da exegese filosófica é posta em atrito constante com temas e necessidades atuais do pensamento, na certeza de que novas visões e interpretações não são cristais facilmente (ou imediatamente) lapidados.

Entre especialização acadêmica e necessidade de atuação, o espaço aberto pela publicação segue recebendo inúmeras contribuições. Para este número, os editores e pareceristas selecionaram artigos como o de Massimo Vittorio, da Universidade de Catânia, cuja interação entre autores clássicos e contemporâneos permite pensar a hipótese de uma ética como prática social; nessa mesma visada interpretativa que recupera autores sob uma ótica social, Débora Mariz, doutoranda da Universidade Federal de Minas Gerais, expõe a noção de “leitura” avançada por Simone Weil, em uma perspectiva de filosofia atual e atuante. De um ponto de vista mais exegético, tanto o texto de Paula Bettani de Jesus, doutoranda da Universidade de São Paulo, sobre a gênese do *Tratado das paixões* de Descartes, quanto o de David Jiménez Castaño, da Universidade de Salamanca, sobre a postura de Domingo Soto frente às restrições oficiais aos pobres durante o Renascimento, lançam luzes históricas para esclarecer a formação de pressupostos políticos, morais e sociais. O artigo de Vinícius dos Santos, doutor pela Universidade Federal de São Carlos, ao contrastar a leitura de Marx e de Hegel, conversa de forma crítica com a tradução comentada de Hegel, por Erick Calheiros de Lima, professor da UnB e membro do núcleo editorial da *Revista*. Tradução comentada e artigo formam um conjunto tenso de reinterpretações desses dois autores fundamentais, ambas as leituras necessárias para reposicionar a política atual. Vale lembrar que esta tradução, experimento filosófico de transliteração de conceitos de uma língua a

outra, é a segunda parte de um texto cujo primeiro movimento foi dado a público no número anterior desta publicação.

A revista traz, também, conforme seu compromisso original, contribuições de resenhistas, uma delas ligada ao dossiê Nietzsche, de André Luiz Muniz Garcia, UnB, e Mayra Closs Peterlevitz, Unifesp, sobre o livro de Henry Burnett que trata da música em Nietzsche, Adorno e no Brasil; outra, de Herivelto Souza, também da UnB, cuja resenha explicita a história da recepção de Henri Bergson, conforme o livro de Giuseppe Bianco. Recebemos ainda contribuição de Giorgio Majer Gatti, da Universidade de Milão, comentando o livro de Rocco Ronchi sobre Deleuze. As três resenhas, de algum modo, versam sobre perspectivas históricas, historiográficas e metodológicas a partir das quais se problematiza os modos de assumir a herança filosófica.

Por fim, novamente agradecemos aos leitores, pareceristas e autores que vêm contribuindo ativamente para lajear, pedra a pedra, essa arena editorial nova, na qual fazer filosofia de forma acadêmica e rigorosa não precisa ser o oposto de um pensamento aberto a novos possíveis, ao contrário, esse fundamento acadêmico vem a ser a sua estrutura mais profunda.

Os editores